



# Já chegaram mais de 11.800 ucranianos “Há medidas de que os ucranianos vão beneficiar. Mas deviam ser estendidas a outros”

Joana Gorção Henriques

A diferença entre estatuto de refugiado, dado a sírios ou afegãos, e a protecção temporária aos ucranianos não é só jurídica

**N**um fluxo sem precedentes, Portugal recebeu em três semanas mais refugiados ucranianos do que nos últimos sete anos: até às 19h de ontem tinham sido 11.800, mais de um milhar do que desde 2015. Ainda não há um retrato demográfico desta população deslocada. Há semelhanças com outras situações que obrigaram populações a abandonar os seus países, mas também muitas diferenças, a começar pelos números e pela resposta das entidades governamentais e da sociedade civil.

É uma realidade que coloca novos desafios a quem está no terreno. E gera perguntas entre quem, como refugiado, não recebeu a mesma rapidez e disponibilidade de apoios na habitação, no emprego, na regularização. Nos próximos tempos a expectativa é que Portugal continue a receber mais gente da Ucrânia, embora tudo dependa da evolução do conflito. É preciso notar que os quase 12 mil que chegaram até agora são uma mínima fracção dos 3 milhões de refugiados da Ucrânia calculados pela Organização Internacional para as Migrações, sublinha André Costa Jorge, do Serviço de Jesuítas aos Refugiados e da Plataforma de Apoio aos Refugiados que está a trabalhar no terreno.

Por enquanto, chega a estas organizações a informação de que “as pessoas não se querem afastar muito para que possam regressar”. Neste momento, quem chega da Ucrânia tem protecção temporária, de um ano, prorrogável por seis meses duas vezes. Uma situação diferente do estatuto de refugiado, que se estende no tempo e obedece a determinados requisitos para ser concedido. Mas quais as diferenças? “De forma ampla são refugiados porque estão fora do seu país, não podem regressar em virtude do conflito e têm necessidade de protecção”, afirma Mónica Fari-

nha, presidente do Conselho Português para os Refugiados (CPR), organismo estatal que é responsável pelo acolhimento de quem pede asilo.

Mas o estatuto de protecção temporária que lhes foi atribuído é mais flexível do que o de refugiado, que exige uma entrevista, uma avaliação, entre outras medidas; permite uma resposta imediata e automatizada, algo que foi concretizado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) com a criação de uma plataforma para a concessão imediata deste estatuto (excepto para crianças). “Isto já retira algum impacto que estes números poderiam ter no âmbito dos serviços do SEF e de outras entidades. A protecção temporária é um mecanismo pensado para estas situações em que há um fluxo maciço e não é possível fazer esta triagem individual.”

Pedro Góis, professor na Universidade de Coimbra e especialista em migrações, detalha: “Vamos tender a agregar esta categoria facilitadora de refugiados, mas estas pessoas estão sob uma protecção temporária, um refugiado não tem termo. Isso altera todo o panorama da integração: um refugiado fica sob protecção da Segurança Social ou de uma organização não-governamental e até lhe ser dado o estatuto não pode trabalhar, estas pessoas (que chegam da Ucrânia) podem trabalhar imediatamente.”

O CPR não está na “linha da frente” neste processo, como aconteceu com os refugiados que recentemente chegaram do Afeganistão. Mas a presidente defende: “Estamos perante uma situação que não é comparável no espaço europeu e isso implica uma identificação que não aconteceu noutros casos”, defende. Mónica Farinha diz terem sido contactados com ofertas de ajuda no caso da Síria e do Afeganistão, e revela que o estatuto de protecção temporária não é inédito: também foi aplicado em 1998 aos cidadãos do Kosovo e da Guiné-Bissau.

A experiência de Alexander Kpatue Kweh, do Fórum Refúgio, que apoia refugiados em Portugal há anos, é diferente: alguns associados queixaram-se de diferenças. “Quando chegou a crise da Ucrânia o Governo fez o programa que outros refugiados pedem há muito tempo. É bom saber-



Os 12 mil que chegaram são uma mínima fracção dos 3 milhões de refugiados da Ucrânia calculados pela Organiz

## 300 crianças já estão inscritas nas escolas

**O** número de estudantes refugiados da Ucrânia matriculados nas escolas portuguesas triplicou desde a semana passada e chega agora a 300 crianças e jovens em idade escolar. O balanço foi feito ontem pelo ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, em conferência de imprensa no Ministério da Educação. Apesar do aumento de matrículas, o ministro adiantou ainda que Portugal é o país da União Europeia (UE) que menos estudantes recebeu até ao momento.

O último balanço da tutela tinha sido feito na segunda-feira e dava conta de que, na última semana, uma centena de estudantes refugiados ucranianos estava já matriculada nas escolas portuguesas. “Sabemos que mais crianças já chegaram”, explicou Brandão Rodrigues acrescentando que “já triplicou o número de alunos da última semana”.

Daniela Carmo

mos que há medidas de que os ucranianos vão beneficiar. Mas deviam ser estendidas a outros”, afirma.

O dirigente, ele próprio refugiado, refere que não é sua intenção alimentar polémicas e que a prioridade da associação foi resgatar pessoas na Ucrânia: “Para nós é fundamental assegurar os direitos enquanto pessoas perseguidas num conflito, estamos de braços abertos para os receber”, afirma. Foram buscar 15 pessoas à fronteira e estão preocupados com os cidadãos de países terceiros que estavam na Ucrânia e que não são incluídos nas caravanas porque quem as lidera dá prioridade aos ucranianos. Elogia as políticas de acolhimento de Portugal. Mas nota dificuldade em articular com as instituições um plano de integração.

Exemplifica as diferenças: “Os refugiados quando vão à procura de casa muitos senhorios não querem alugar; um refugiado mesmo com dinheiro tem de pagar três ou quatro meses só para ter contrato. Chegam os ucranianos e a sociedade civil abre os braços, oferece as suas casas.” Volta a frisar: “São coisas boas, mas queremos dizer que a solidariedade não deve ser limitada a uma raça e a uma zona geográfica. O exemplo da Ucrânia devia ser estendido.”

Também André Costa Jorge concorda que há diferenças de tratamento: “Salta à vista. Há uma atitude política

de acolhimento sem reservas que gostaríamos de ter visto no tratamento de outros seres humanos refugiados. O que não vimos na Grécia quando um milhão de pessoas arriscou a vida para atravessar a fronteira: houve uma carga policial sobre os refugiados e foram considerados uma ameaça. Falou-se de crise de refugiados – se calhar não era crise de refugiados mas de racismo. Espero que estes acontecimentos sirvam para perceber que ninguém está a salvo de sofrer uma crise humanitária.”

Não é só o número de refugiados que é inédito, também a mobilização da sociedade civil não tem precedentes. Há semelhanças entre as situações decorrentes dos fluxos provocados pelas guerras na Síria, Eritreia, Afeganistão e da Ucrânia em que as pessoas estão igualmente impactadas pelos acontecimentos traumáticos do conflito e têm “o sentimento de vida interrompida”, afirma André Jorge. Mas há muitas diferenças: “Até agora a operação logística era controlada pelo Estado, havia um procedimento na selecção das pessoas que permitia a quem fazia o acolhimento e às entidades preparar-se, ter um plano. Agora a estratégia foi as pessoas não terem constrangimentos burocráticos.”

Em Portugal há uma comunidade de ucranianos – eram 27 mil no ano passado, rapidamente estão a chegar aos 40 mil – que permite ter “uma

RUI GAUDÊNCIO



Ação Internacional para as Migrações

das que não sabem o que lhes vai acontecer”. A maioria pensa que vem de forma temporária. “Dos contactos nas últimas semanas não encontrei nenhum que viesse para ficar.”

Tem testemunhado o apoio da comunidade ucraniana a quem chega, muitos foram buscar os familiares. Sobre o acolhimento sublinha que a nível institucional “há muita coisa feita mas falta coordenação”. Preocupam-lhes algumas questões como quem vai resgatar refugiados, por isso acha que era essencial o Estado centralizar toda a informação numa plataforma onde quem quisesse ir buscar ou acolher tivesse que preencher um formulário; sugere um contrato entre quem acolhe e é acolhido “a custo zero” para garantir a segurança. “Se a pessoa (que se dispôs) a acolher muda de ideias, como é?”

Não sabemos exactamente quem chega, embora as imagens nos mostrem sobretudo mulheres, crianças e pessoas mais velhas, nem para onde vão, mas vemos nas notícias que há dispersão por vários municípios, de Braga a Olhão. “Muitas ofertas de acolhimento têm sido de emergência. E depois espera-se que as pessoas comecem a trabalhar e avancem para a auto-sustentabilidade”, sublinha André Jorge. “Esperar que estas pessoas vão já trabalhar é não conhecer a realidade.”

Se muitos têm expectativa de regressar rapidamente, há uma incógnita sobre quanto tempo terão de ficar. Como nota André Jorge as pessoas vão precisar de acompanhamento ao longo do tempo, muitas das ofertas de habitação são temporárias, o que gera a questão: “Até quando vamos conseguir acompanhar?”

Há outras questões lançadas por Pedro Góis: quais os apoios financeiros que vão receber e como vão receber? (Quem tem estatuto de refugiado, ao contrário do de protecção temporária, recebe via instituições ou Segurança Social). “É um cheque entregue a cada família? Qual o valor? No mercado de trabalho vão ter de fazer reconhecimento de diplomas? Um médico pode começar a exercer?”

Não tem dúvidas de que muitas pessoas irão acabar por ficar mais tempo do que o previsto porque a guerra destruiu as suas aldeias e cidades. A segunda fase será determinante: “Muitas crianças vão começar a escola, em seis meses falarão portugueses.”

No Fórum Refúgio uma das questões-chave que mais tem aparecido agora “é a questão da habitação” para os ucranianos. “Muitas pessoas são alojadas em centros temporários onde não há privacidade para os utentes destes centros. E é preciso uma resposta para a transição para uma habitação permanente o mais rápido possível para que as pessoas possam começar as suas vidas aqui em Portugal de forma digna. A fase de emergência já acabou e devemos pensar agora no futuro destas pessoas.”

**Ucrânia**

**“Nas últimas três semanas fugiram 1,5 milhões de crianças, uma por segundo”**

**Entrevista**

**Clara Barata**

**Joe English O porta-voz da Unicef em Lviv diz que é preciso identificar as crianças vulneráveis aos riscos de tráfico humano**

**D**ezenas de milhares de pessoas continuam a passar as fronteiras da Ucrânia com os países vizinhos, em fuga da guerra, a maioria mulheres e crianças. Nas últimas três semanas, 1,5 milhões de crianças fugiram da guerra, “o que equivale a uma criança por segundo” durante este período, disse ao PÚBLICO Joe English, o porta-voz da Unicef em Lviv. Muitos dos que saem da Ucrânia passam por esta cidade no Ocidente da Ucrânia que tem sido poupada aos bombardeamentos – à excepção do ataque do domingo passado a uma base militar ucraniana nos arredores da cidade.

**Qual é a situação que se vive em Lviv com os refugiados da guerra?**

A situação em Lviv é muito desesperada. Normalmente é uma cidade de 700 mil pessoas, e neste momento tem 200 mil pessoas a mais. Tem sido um ponto de paragem para muitas mulheres e crianças, que fogem da guerra noutras zonas do país. Lviv é um local onde podem parar por um momento e decidir se vão continuar a viagem, passar a fronteira para a Polónia ou para outro país, ou se permanecem na Ucrânia, numa área que até agora tem sido relativamente segura.

Quando se anda por Lviv, na maior parte dos dias, as coisas parecem normais, há crianças a brincar nos parques, pessoas com carrinhos de bebé. Mas obviamente à noite temos as sirenes de alerta de ataque aéreo, e muitas crianças agora sabem exactamente o que fazer, correm para os abrigos subterrâneos. Talvez fiquem lá uma hora, mais, e isto é uma experiência pela qual nenhuma criança devia ter de passar. Deve ser terrivelmente assustador para elas. **Quantas crianças já passaram por Lviv em fuga da guerra?** Já foram forçadas a fugir das suas casas por causa da devastadora guerra na Ucrânia 1,5 milhões de crianças e isso equivale a uma

criança por segundo durante as últimas três semanas. Quando falamos com as mães, com as avós, com as crianças, vemos que elas não querem deixar as suas casas. Mas fogem, porque querem ter um sentimento de segurança, até saberem que as suas casas, as suas escolas, os seus hospitais não vão ser atacados.

**Onde é que os refugiados ficam a viver em Lviv? De onde vem a alimentação para eles?**

Em Lviv, e também nos países que estão a receber refugiados da guerra na Ucrânia, temos visto uma resposta incrível de voluntários. As pessoas estão a abrir as suas casas, e ainda ontem estive num jardim-de-infância que tinha sido transformado num centro de recepção para mães e bebés. Em algumas noites ficam lá até 200 mulheres e os seus filhos. A maior parte da alimentação está a ser fornecida por voluntários. Mas é fundamental que consigamos identificar falhas, identificar onde possa haver problemas, não só agora, no imediato, mas também a longo prazo, e garantir que damos os cuidados e assistência de que as pessoas precisam.

**O que é está a fazer mais falta na**



**Quando se tem um número tão grande de pessoas a movimentar-se, os riscos de tráfico são elevadíssimos**



**Ucrânia?**

A Unicef está a trabalhar na Ucrânia e nos países que estão a receber refugiados, a entregar bens básicos, incluindo material médico, água potável, que é necessária em algumas partes da Ucrânia, garantindo que haja roupas quentes para as crianças – muitas famílias fugiram só com as roupas que tinham no corpo, ou apenas com que o podiam transportar; por isso, é fundamental que as crianças possam ter roupas limpas e quentes para mudar.

**As crianças que fugiram da guerra têm tido algo que se assemelhe à continuação das aulas?**

É fundamental garantir que as crianças, muitas das quais já tiveram dois anos de escolaridade perturbados pela pandemia de covid-19, consigam voltar a ter aulas. Isso poderá acontecer *online*, durante um período curto, por exemplo. Esta semana montámos um jardim-de-infância *online* com o Ministério da Educação e Ciência da Ucrânia, para que as crianças possam participar em actividades educativas através da internet. Mas o que temos de garantir mesmo é que as crianças possam voltar a ter aulas na escola, porque sabemos qual o impacto que uma ausência prolongada da escola pode ter nelas.

**Temos visto alertas sobre o risco de tráfico de seres humanos que correm mulheres e crianças refugiadas. O que nos pode dizer sobre isto?**

Todos vimos os avisos e relatos sobre os riscos de tráfico de seres humanos que correm os refugiados ucranianos. Quando se tem um número tão grande de pessoas a movimentar-se, a atravessar fronteiras – três milhões de pessoas, 1,5 milhões de crianças –, os riscos de tráfico, exploração e abusos são elevadíssimos. Por isso, a Unicef está a trabalhar com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados e as autoridades locais nos países que estão a receber refugiados para criar centros lúdicos, que possam ser espaços seguros para as crianças brincarem, para desenharem e pintarem, para os pais poderem relaxar um pouco. Ali temos especialistas em protecção das crianças e assistentes psicossociais que dão a atenção e os cuidados necessários às crianças que são identificadas como sendo particularmente vulneráveis a este tipo de ameaças.



**As pessoas não se querem afastar muito para que possam regressar**

**André Costa Jorge**  
Serviço de Jesuítas aos Refugiados e a Plataforma de Apoio aos Refugiados